



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: MÔNICA PRADO
ÁREA: MEIO AMBIENTE

**JORNALISMO AMBIENTAL:
A rotina de trabalho de um Jornalista Ambiental da
Assessoria de Imprensa do WWF Brasil**

Júlia Gomes Barboza
2026453/7

Brasília, Maio de 2007

Júlia Gomes Barboza

**JORNALISMO AMBIENTAL:
A rotina de trabalho de um Jornalista Ambiental da
Assessoria de Imprensa do WWF Brasil**

Trabalho apresentado à
Faculdade de Ciências Sociais
Aplicadas, como requisito parcial
para a obtenção ao grau de
Bacharel em Comunicação
Social com habilitação em
Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Prof^a . Mônica Prado

Brasília, Maio de 2007

Júlia Gomes Barboza

**JORNALISMO AMBIENTAL:
A rotina de trabalho de um Jornalista Ambiental da
Assessoria de Imprensa do WWF Brasil**

Trabalho apresentado à
Faculdade de Ciências Sociais
Aplicadas, como requisito parcial
para a obtenção ao grau de
Bacharel em Comunicação
Social, com habilitação em
Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Banca Examinadora

Prof. Mônica Prado
Orientadora

Prof. Beto Rocha
Examinador

Prof^a. Gisele Rodrigues
Examinadora

Brasília, Maio de 2007

Agradeço a Deus pelo amparo, força e coragem.

A minha família, especialmente minha mãe, pelo seu amor e pelo grande esforço para me proporcionar boa formação moral e intelectual;

Aos três amores da minha vida: meu marido Júnior, pelos momentos compartilhados, e meus dois lindos filhinhos, Vitor Hugo e Gabriel, que vieram para colorir minha vida.

Não é porque certas coisas são difíceis que nós não ousamos. É justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis.

Sêneca (filósofo romano)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender a atuação do jornalista ambiental na cobertura de notícias sobre o meio ambiente, acompanhar a rotina de trabalho desse profissional ambiental na Assessoria de Imprensa do WWF Brasil, observando o processo de produção da notícia, critérios adotados, realização de *clippings* e demais matérias, estudo este que está fundamentado nos conceitos da teoria do *newsmaking*, do valor/notícia, concluindo com a apresentação do resultado das observações feitas durante acompanhamento da atuação de quatro jornalistas ambientais do WWF Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo ambiental; rotina produtiva; jornalismo; ONG WWF Brasil; notícia.

SUMÁRIO

	PÁG
1. Introdução.....	07
2. Jornalismo: evolução.....	09
2.1 Jornalismo: atividade de todos os tempos.....	09
2.2 Caracteres do Jornalismo.....	11
3. Meio ambiente e Jornalismo Ambiental.....	13
3.1 Preocupação do mundo com a questão ambiental.....	13
3.2 Jornalismo Ambiental.....	14
3.3 Jornalismo Ambiental em ação no Brasil.....	16
4. Rotina de Trabalho de quatro Jornalistas da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil.....	18
4.1 WWF Brasil.....	18
4.2 Assessoria de Imprensa do WWF Brasil.....	19
4.3 Teoria do <i>newsmaking</i> e o valor/notícia.....	21
4.4 Acompanhamento das rotinas de trabalho.....	22
4.5 Registro das atividades dos quatro Jornalistas.....	23
4.5.1 Rotina de Denise.....	23
4.5.2 Rotina de Fernando Zarur.....	25
4.5.3 Rotina de João Gonçalves.....	26
4.5.4 Rotina de Ana Cíntia.....	27
5. Conclusão.....	29
6. Referências.....	32
7. Anexo.....	34
8. Informações prestadas pela Coordenadora da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil durante visita à Instituição.....	35

1 - Introdução

A questão meio ambiente faz parte hoje de todas as pautas políticas das nações. Ela não pode ser postergada, exige solução rápida, sob pena de irmos a assistir à morte dos nossos rios, matas, animais e, o que é pior, a nossa própria morte. A natureza pede socorro, o homem pede socorro; a água, o ar, a terra pedem socorro.

Neste sentido, pode-se dizer que já há um despertar do mundo na tentativa de encontrar caminhos para ajudar a salvar o planeta.

E esses caminhos foram traçados a partir de três das mais importantes conferências de cúpula organizadas pelas Nações Unidas, a Conferência de Estocolmo, na Suécia, em 1972, a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco 92, realizada no Brasil, na Cidade do Rio de Janeiro, e a Conferência de Joanesburgo, em 2002. Planos, programas os mais variados já saíram e continuam saindo desses encontros internacionais, todos com o objetivo de discutir meios e formas de evitar a grande catástrofe no planeta — e o mais importantes e mais completo desses documentos foi a Agenda 21, a partir da Eco-92.

Pela atualidade dessa questão ambiental e como parte integrante dessa grande massa do planeta engajada na busca de solução para a natureza, foi que resolvi escolher como tema deste trabalho uma abordagem sobre o jornalismo ambiental e a ação do jornalista ambiental. Procurei algumas redações de jornais, tentei contato com profissionais do IBAMA, do Ministério do Meio Ambiente, e acabei encontrando receptividade no Fundo Mundial para a Natureza — WWF Brasil, que cordialmente facultou-me sua Assessoria de Imprensa para o trabalho de observação que eu pretendia fazer.

Assim, pude acompanhar na prática o trabalho de quatro jornalistas da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil.

O WWF Brasil é uma instituição que atua no País desde 1971, primeiramente no apoio aos primeiros estudos sobre a provável extinção do mico-leão dourado, e posteriormente, em 1980, colaborando com programas como o Projeto Tamar. Somente em 1996, a instituição inaugurou sede própria aqui em Brasília. Trata-se de uma organização autônoma, sem fins lucrativos,

que atua em projetos de conservação da natureza, possuindo para isso programas em todo o País, em parceria com outras empresas e organizações não-governamentais, além de órgãos dos Governos Federal, Estaduais e Municipais.

A visita aos quatro jornalistas ambientais da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil tinha como meta observar como eles atuam na divulgação das notícias relacionadas a meio ambiente, quais os critérios utilizados na seleção das notícias relacionadas ao órgão e aos seus programas, compreender na prática como atua o jornalista ambiental em suas tarefas diárias dentro de uma Assessoria de Imprensa.

A pesquisa foi embasada na teoria do *newsmaking*, para identificar os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas na escolha da notícia e na sua transmissão ao público; analisar o trabalho de elaboração de *Clippings*, a atuação dos jornalistas no trato com as notícias relacionadas aos programas sociais da instituição, a atualização de *sites*.

Para melhor compreensão dos assuntos enfocados no corpo deste trabalho, dividi-o em três partes. Na primeira há um apanhado geral sobre a história do jornalismo, suas características próprias e seu desenvolvimento.

Na segunda parte está sendo abordada a questão do meio ambiente, as primeiras preocupações que este tema despertou em âmbito mundial. Há também um enfoque sobre o vulto que tomou a atividade jornalística ambiental com a entrada em cena da preocupante questão da preservação do meio ambiente.

A terceira parte trata do objeto específico deste trabalho: apresenta o resultado do acompanhamento da rotina dos jornalistas da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil. Mostra, passo a passo, a ação de cada um dos quatro jornalistas, durante o dia em que foi feita a visita.

2 - Jornalismo: evolução

Nesta primeira parte será dado pequeno enfoque sobre a história do jornalismo desde eras remotas; as características do jornalismo; surgimento do jornalismo moderno após a invenção da escrita, sua evolução, sua presença marcante no rádio, na televisão, jornais, revista e Internet.

2.1 - Jornalismo: atividade de todos os tempos

O jornalismo, de todas as atividades humanas, é a que mais responde à necessidade do homem na vida em sociedade. De acordo com Luiz Beltrão (1960), é próprio da criatura humana informar-se e formar, reunir conhecimento do que ocorre a sua volta, na comunidade em que vive, entre os povos que o rodeiam.

O homem primitivo já fazia jornalismo. Apesar de não conhecer a escrita, ele transmitia a sua tribo, com regularidade e freqüência, interpretando os fatos de interesse da sua comunidade, os resultados da caça, da pesca, a aproximação de cataclismos, o relato de suas batalhas.

No Brasil o jornalismo é praticado desde a colonização.

“O colono português, a exemplo de outros povos, apelou para a informação e a sátira verbal, para o pasquim e a folha volante... Foi assim que Frei Antônio Rosado, um ano antes da invasão flamenga, anunciou, em memorável sermão no convento do Carmo, a formação de poderosa esquadrão que poderia transformar Olinda em Olanda, com a mudança apenas de uma letra; e que o padre Vieira tantas e tantas vezes fez jornalismo, utilizando ora o púlpito, ora as cátedras dos colégios” (BELTRÃO, 1960. p. 29)

Entre os locais utilizados para a divulgação da notícia estavam incluídos feiras, portos e armazéns, e para as transmissões oficiais eram incumbidos os comandantes e capitães-mores, acompanhados de soldados e tambores.

Os séculos avançaram. Surge o moderno jornalismo.

O autor Felipe Pena (2006. p. 25), citando Bill Kovac e Tom Rosenstiel, assinala que o jornalismo moderno apareceu possivelmente no começo do século XVII. “Lá os donos dos *pubs* (casas públicas) estimulavam as

conversas com viajantes, pedindo que contassem o que tinham visto pelo caminho. Não apenas a escrita, mas a invenção dos tipos impressos é que vai possibilitar o advento do jornalismo moderno.

Segundo o autor Felipe Pena (2006. p. 26), inicialmente a escrita não foi recebida como uma evolução do pensamento. “Sócrates, por exemplo, acreditava que o livro diminuiria os níveis de sabedoria. Já Platão considerava o alfabeto fonético responsável pela perda inexorável da memória dos indivíduos”.

Hoje, com o advento da tecnologia, o armazenamento de informações independe da memória humana. “Imagine o que Platão e Sócrates diriam se conhecessem a capacidade de armazenamento da internet”. (PENA, 2006, p. 26).

E o jornalismo moderniza-se cada vez mais. O incremento das comunicações fez surgir novas formas de divulgação da notícia. Entretanto, a comunicação oral é de todos os tempos; ela está e ainda continuará presente no jornalismo através do rádio, do telefone, da televisão e da moderna Internet.

A Rede Mundial de Computadores, a Internet, tem origem nos Estados Unidos a partir de experiências militares realizadas em meados dos anos 60. Mas somente na virada da década de 80 iniciou-se o *boom* da Internet, com o invento da World Wide Web, é o que afirma Angèle Murad em artigo intitulado *Oportunidades e Desafios para o Jornalismo na Internet*. E acrescenta:

“Hoje a internet constitui associação mundial de redes interligadas que une milhares de pessoas através de computadores capazes de gerenciar e estocar texto, imagem e som na forma digital, utilizando-se para isso de suportes diversos como fibra ótica, linhas de telefone, satélites e rádio. A rede das redes disponibiliza serviços de informação em linha (Web), correio eletrônico e fóruns de discussões, abrigando formas de comunicação variadas, como os modelos um-um, um-minuto e minutos-minutos.” (MURAD. 2007. p. 01)

O conceito de jornalismo hoje está relacionado a suporte técnico e a meios que permita difusão da notícia. “Daí derivam conceitos como “jornalismo impresso”, “telejornalismo” e “radiojornalismo” (Idem, 2007. p. 01).

No final da década de 80 o jornalismo começa a ter suas primeiras experiências na Rede Mundial de Computadores, a Internet. No Brasil o

primeiro jornal a lançar um *site* na Internet foi o *Jornal do Brasil*. Hoje praticamente todos os jornais brasileiros estão com seu *site* na Internet.

2.2 - Características do jornalismo

O que é o jornalismo? Segundo Luiz Beltrão (1960), não é tão fácil uma definição, tendo em vista a multiplicidade das manifestações jornalísticas nos dias atuais.

“Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum.” (BELTRÃO, 1960, p. 62)

Juarez Bahia (1990) complementa, afirmando que é da natureza do jornalismo levar a comunidade a participar da vida social. Assim considerando, o jornalismo assume a condição de intermediário da sociedade.

Citando Rui Barbosa, Juarez Bahia afirma:

“A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça.” (apud BAHIA, 1990. p. 09)

A atividade jornalística nasceu com a própria organização social, arremata Beltrão (1960), e se desenvolveu e se ampliou à proporção que se desenvolveram e se ampliaram os códigos éticos, as técnicas e as indústrias, tornando-se instituição indispensável para a formação e orientação dos povos.

Como afirmado anteriormente, é da natureza do homem o desejo de se informar. “A simples perspectiva de não ter a menor idéia do que se passa ao nosso redor, seja qual for o perímetro, nos dá um frio na barriga e aterroriza nosso imaginário”, é o que diz Felipe Pena (2006. p. 23), concordando com a assertiva de que o homem gosta de estar informado, teme o desconhecido e luta desesperadamente contra ele.

O jornalismo possui algumas características que o distinguem e o identificam. Dentre essas características Beltrão (1960) assinala:

1 - a *atualidade*, que seria a característica dominante e exclusiva do jornalismo;

2 - a *variedade*. Essa característica, diz Beltrão (1960), “exigiu nos tempos modernos a criação da figura do jornalista especializado”. A propósito deste assunto, vale lembrar aqui um dos objetivos deste trabalho, que é precisamente abordar a questão do jornalismo ambiental, uma atividade atual, necessária e bastante útil, considerando a exigência por parte das populações de esclarecimentos a respeito de questões ligadas ao meio ambiente, que está correndo enormes riscos;

3 - a *interpretação*. O jornalista, diz Beltrão (2006. p. 78) precisa “submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, transmitindo ao público apenas os que são realmente significativos”;

4 - a *periodicidade*. É a constância com que os fatos são levados ao conhecimento público. Sem essa constância “a informação não atingiria as suas finalidades sociais”, esclarece o autor;

4 - *popularidade*. Constitui o combustível do jornalismo, é a mola mestra que o impulsiona para o futuro;

5 - *promoção*. O jornalismo tem caráter promocional. Os relatos e as idéias propagadas pelos veículos de imprensa têm o objetivo de levar o homem a se pronunciar, a tomar decisão.

A seguir serão abordados os temas meio ambiente e jornalismo ambiental, que são o foco deste de trabalho.

3 - Meio ambiente e jornalismo ambiental

Como e quando surgiram as primeiras preocupações com o tema meio ambiente? Este assunto será abordado nesta parte do trabalho, mostrando também as iniciativas das organizações de defesa do meio ambiente e a atuação do jornalista ambiental na cobertura das notícias.

3.1 - Preocupação do mundo com a questão ambiental

Os problemas relacionados a meio ambiente passaram a ser discutidos em âmbito mundial a partir das décadas de 60 e 70.

Em 1968 surgiu uma instituição na Itália, o Clube de Roma, cujo objetivo era analisar o dilema da espécie humana em um mundo de recursos finitos e sugerir alternativas para o enfrentamento da crise.

Luis Fernando Angerami Ramos, em seu livro *Meio Ambiente e Meios de Comunicação* (1996, p. 35), analisando o assunto, informa que “em 1971 o Clube de Roma divulgou o primeiro relatório chamando a atenção do planeta para os limites do crescimento”. No ano seguinte, a Organização das Nações Unidas promove na Suécia a primeira conferência internacional para debater o meio ambiente humano, a Conferência de Estocolmo, cuja finalidade era estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de inspiração e orientação à humanidade, a fim de preservar e melhorar o ambiente humano. Chegou-se à conclusão de que era necessário definir o próprio conceito de desenvolvimento.

Citando Francesco Di Castri, Angerami (1996) diz que desde a Conferência de Estocolmo foram criados vários organismos internacionais preocupados com a questão do meio ambiente, como, por exemplo, o PNUMA — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, Ministérios de Meio Ambiente em inúmeros países, o Programa Internacional de Educação Ambiental — PIEA, que formulou princípios como o de que a educação ambiental deve ser continuada, integrada às diferenças regionais e voltada para os interesses nacionais, e o WWF, instituído em 1961, com a meta de colaborar na contenção da degradação do meio ambiente.

Apesar de todas as ações promovidas em defesa do meio ambiente, os problemas se intensificaram:

“...a desertificação e o desflorestamento tropical não pararam de acelerar-se a despeito de todos os programas que foram lançados; a diversidade biológica das espécies e de ecossistemas vem decrescendo de maneira dramática sem condições de se avaliar suas reais dimensões; há ainda o efeito estufa, o buraco na camada de ozônio e as chuvas ácidas” (CASTRI, apud, ANGERAMI RAMOS, p. 36)

Todo esse processo predatório promovido em escala mundial indica, segundo Angerami (1996, p. 36), “a pouca repercussão prática das intenções e princípios firmados em documentos e reuniões internacionais realizadas desde a Conferência de Estocolmo”.

A verdade é que o meio ambiente, a preservação da natureza passou a fazer parte das preocupações gerais, justificando a decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas de convocar o mundo para um grande encontro visando tratar da questão ambiental — a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, a Eco 92. Dessa Conferência do Rio de Janeiro, surgiram decisões e documentos importantes, como a minuta da *Carta da Terra* e a *Agenda 21*, que se propõe a “traduzir em ações o conceito de desenvolvimento sustentável”, afirma Patrícia Mousinho (2003, p. 334). O documento, *Agenda 21*, teve a participação de 179 países.

É real e perfeitamente justificável a preocupação mundial com a preservação do meio ambiente. Este é um tema que, na opinião de Sérgio Besserman (2003, p. 94), “cresce de importância na consciência do povo e entrou irreversivelmente na agenda pública”.

3.2 - Jornalismo ambiental

O jornalismo ambiental, uma especialidade do jornalismo, apresenta uma tendência a se expandir cada vez mais. Assim como o meio ambiente assume importância cada vez maior na consciência das massas, despertando a preocupação geral, a atividade jornalística ambiental também cresce de importância. No entender de Roberto Villar (1997), há uma preocupação com a

formação do jornalista ambiental, visando à melhoria da qualidade das matérias divulgadas.

O autor Juarez Bahia comunga desse pensamento:

“Um profissional especializado deve estar preparado para sua especialidade numa redação ou numa agência de publicidade com algo mais do que o simples diploma da escola de jornalismo ou de propaganda. Ele deve ter formação científica, experiência de laboratório e contato com literatura técnica.”
(BAHIA, 1990, p. 229)

A primeira entidade de jornalismo ambiental surgiu em 1968, em Paris. Mas a principal, em âmbito mundial, é a Sociedade de Jornalistas de Meio Ambiente dos Estados Unidos: a *Society of Environmental Journalists*, criada em 1990. Em 1993 aparece a Federação Internacional dos Jornalistas Ambientais. A entidade reúne cerca de 1.700 jornalistas e 110 países. Aqui no Brasil foi fundada também a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, por iniciativa dos jornalistas Roberto B. Villar e João Batista Santa Fé Aguiar, segundo informa André Trigueiro (2003).

No Brasil, o primeiro jornalista a se especializar em meio ambiente foi Raudau Marques, de acordo com o artigo *Jornalismo Ambiental – Evolução e Perspectivas*, de Roberto Villar, publicado no site Agir/Azul na Rede. Esse repórter foi considerado subversivo por escrever em um jornal da cidade de Franca, São Paulo, reportagens sobre a contaminação de gráfcos e sapateiros com chumbo e por questionar a expressão “defensivos”, mostrando que os produtos agrotóxicos eram os responsáveis pela mortandade de peixes e pela intoxicação de agricultores.

A história de Raudau Marques está associada ao início das discussões sobre os problemas ambientais no Brasil. Marques especializou-se em assuntos urbanos e questões ambientais no *Jornal da Tarde*, em São Paulo. E, em razão de suas reportagens ambientais, foi preso em 1968.

1 - Disponível em <http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm> Consulta feita em 22 de abril de 2007.

O artigo *Meio Ambiente e Conquista*, divulgado no *site* da Associação Nacional de Jornais, comentando sobre a necessidade de mais ampla cobertura dos temas relacionados ao meio ambiente pela imprensa do País, registra a opinião do jornalista Randau a respeito deste assunto:

“A cobertura de meio ambiente não pertence a confraria e não se trata de modismo. Deve fazer parte das preocupações diárias de qualquer empresa jornalística que queira vender seus produtos e serviços da população”.

“Hoje”, reconhece Randau, “alguns jornais têm colunistas fixos sobre meio ambiente e, eventualmente, cadernos especiais. No entanto, se alguém ler uma resenha, leu todas, na medida em que os articulistas abordam os temas da moda. Na verdade, deveriam tratar de assuntos que dizem respeito diretamente aos interesses do leitor, aquilo que acontece no seu quintal, na sua cidade. Ou seja, o ar que ele respira, a água que lê bebe, o solo onde pisa. Mas para isso é preciso investigar, sair a campo”.(ANJ.2007. p. 01).

3.3 - Jornalista ambiental em ação no Brasil

A Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, criada em 1998, vem promovendo desde essa época a integração dos jornalistas de todas as regiões do País via Internet, o que possibilita a troca de pautas, fontes e informações.

Cabe aqui uma pequena observação sobre a Internet — Rede Mundial de Computadores. André Trigueiro afirma:

“Considerada a mais moderna e revolucionária de todas as mídias, a Internet vem se revelando um poderoso instrumento de pressão em favor de causas ecológicas.” (TRIGUEIRO, 2003, p. 85)

Segundo Trigueiro (2003), a força alcançada pela Internet nos dias de hoje é tamanha que, por pressão dos ambientalistas, foi suspensa uma manobra da bancada ruralista no Congresso Nacional para aprovar um projeto de lei sobre alteração do Código Florestal.

Por volta de 1973, aconteceu no Brasil a primeira polêmica ambiental envolvendo uma grande indústria: a fábrica de celulose Borregaard. A cobertura jornalística do episódio foi feita por Randau. O fato atraiu a atenção de jornalistas do País e do mundo inteiro.

Como afirma Sérgio Besserman (2003), a deteriorização do meio ambiente hoje faz parte das idéias de quem deseja transformar o mundo para melhor. O jornalista ambiental é também um idealista. Isso faz lembrar outra afirmação de André Trigueiro, referindo-se à questão do mito da imparcialidade no jornalismo. Diz ele:

“O jornalista ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão propalada e discutida nos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza, do transporte coletivo, da energia limpa, dos três erres do lixo — reduzir, reutilizar e reciclar — e de tudo aquilo que remete à idéia de um novo modelo de civilização que não seja predatória e suicida.” (TRIGUEIRO, 2003, p. 86)

O maior encontro já havido para discussão dos problemas ambientais foi a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco 92, organizada pela ONU e realizada aqui no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. A Conferência reuniu chefes de estado, acompanhados de um séqüito de 10 mil delegados de 180 países.

A cobertura jornalística da Eco 92 foi a maior de todos os tempos e uma das mais eficientes. Cerca de nove mil jornalistas foram credenciados, e “os veículos de comunicação responderam rápido à demanda por notícias desse novo filão, o meio ambiente” (TRIGUEIRO, 2003, p. 81)

Nunca se precisou tanto de jornalista especializados nessa área jornalística como nesse acontecimento na cidade do Rio de Janeiro, em 1992. Para preencher as vagas abertas pela falta de profissionais ambientais, “recorreu-se ao auxílio luxuoso de técnicos de diversas áreas alçados à condição de colunistas e articulistas”, diz Trigueiro (2003, p. 81). Jamais se falou tanto em meio ambiente como nessa ocasião. Os maiores veículos de comunicação chegaram até a criar editorias especiais de meio ambiente, mas estas não resistiram ao tempo e acabaram se extinguindo.

Como se percebe, a força que teve a Eco 92 no jornalismo ambiental é incontestável. A partir dessa Conferência os jornalistas ambientais passaram a ter — muito maior destaque. Aqui no Brasil grandes nomes se destacaram. Entre eles, Hiram Firmino e Washington Novaes, responsável pela série “Xingu” transmitida pela antiga *TV Manchete*, em 1985.

4 - Rotina de trabalho de quatro jornalistas da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil

A partir de agora será mostrada a atividade do jornalista ambiental da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil. Antes, porém faz-se necessária ligeira referência sobre a atuação do WWF no Brasil, focalizando principalmente o trabalho da sua Assessoria de Imprensa. Pelo fato de estar a pesquisa embasada na teoria do *newsmaking* e no valor/notícia, cabe também uma abordagem sobre o assunto, concluindo com a apresentação do resultado do acompanhamento da rotina de trabalho dos profissionais do WWF Brasil.

4.1 - WWF Brasil

WWF — *World Wide Fund For Nature* — foi criado em 1961, com o objetivo de conter a degradação do meio ambiente e construir um futuro onde o homem viva em harmonia com a natureza através da conservação da diversidade biológica mundial; da garantia da sustentabilidade dos recursos naturais renováveis; da promoção da redução da poluição e do desperdício. A rede WWF é composta por organizações e escritórios em diversos países. A instituição possui cerca de cinco mil associados, distribuídos em cinco continentes. Atua em mais 100 países, onde desenvolve cerca de 2 mil projetos de conservação do meio ambiente. Desde 1985 o WWF investiu mais US\$1,165 milhão em mais de 11 mil projetos em 130 países. Esses projetos são parte importante na campanha para deter a aceleração do processo de degradação da natureza no mundo.

No Brasil a história do WWF começa em 1971, quando a instituição apoiou aqui os primeiros estudos sobre a possível extinção do macaco mico-leão dourado. Este trabalho se transformou no Programa de Conservação do Mico-Leão-Dourado, o mais bem-sucedido desse gênero no mundo.

Nos anos 80 apoiou o Projeto Tamar. Até aquele momento o WWF não possuía escritório aqui no Brasil. Isso só veio a acontecer em 1990. Contudo, o escritório do Brasil ainda era mantido pelo WWF EUA.

Em 1996, foi inaugurado o WWF Brasil, organização brasileira autônoma, sem fins lucrativos de conservação da natureza, que passa a integrar a rede WWF.

O WWF Brasil executa projetos em todo o País, em parceria com outras empresas e organizações não-governamentais, além de órgãos dos Governos Federal, Estaduais e Municipais, desenvolve atividades de pesquisa e diagnóstico; proteção de espécies e de ecossistemas ameaçados; desenvolvimento de modelos alternativos de conservação e uso dos recursos naturais; políticas ambientais e comunicação e campanhas de mobilização social.

A instituição mantém escritórios em São Paulo, no Acre, no Amazonas e no Amapá. Atua em escala nacional trabalhando nos biomas Amazônia, Pantanal e Mata Atlântica.

4.2 - Assessoria de Imprensa do WWF Brasil.

É prática comum empresas, instituições públicas ou privadas, visando atender melhor ao seu público interno e externo no que se refere à divulgação de informações, manterem uma Assessoria de Imprensa.

Teoricamente, o que é uma Assessoria de Imprensa? Qual a sua função dentro de uma empresa, ou instituição?

“Uma Assessoria de imprensa compreende tanto “o serviço de administração das instituições jornalísticas e do seu fluxo das fontes para os veículos de comunicação e vice-versa” quanto a edição de boletins, jornais e revistas.” (KOPPLIN. p. 11)

Segundo Kopplin (2001, p. 13-14), Entre suas atribuições destacam-se: o relacionamento com outros meios de comunicação, no processo de transmissão de notícias relacionadas ao seu assessorado; o cuidado com o controle e arquivo de informações sobre o assessorado noticiadas por outros meios de comunicação; organização e permanente atualização de *mailing-list*; edição de periódicos visando ao público externo e participação na definição de estratégias de comunicação.

Uma Assessoria de Imprensa presta serviço especializado; ela coordena a atividade de comunicação entre o assessorado e seu público.

A Assessoria de Imprensa é hoje um dos principais campos de atuação para o jornalista. Os jornalistas de uma Assessoria de Imprensa devem manter contatos permanentes com a diretoria da empresa, para que possam estabelecer políticas e estratégias de comunicação necessárias à obtenção de melhores resultados.

O WWF Brasil mantém a sua Assessoria de Imprensa, que é composta por 10 jornalistas especializados na área de Comunicação Social, incluindo a Coordenadora. A Assessoria mantém uma lista própria (*mailling-list*) de 500 jornalistas. Segundo Kopplin (2001, p. 145), *mailling-list* é a relação de todas as informações sobre os veículos de comunicação, contendo nome do veículo, endereço, número de telefone, fax, *e-mail*, nome de diretores, editores, repórteres, chefes de reportagens e, eventualmente, datas de aniversários dos veículos e dos profissionais. Dispõe ainda de um *maxpress* com variação de 500 a 3.000 contatos. Maxpress é um programa, uma ferramenta tecnológica de relacionamento com a imprensa.

Com relação à periodicidade da divulgação das matérias, a Assessoria de Imprensa do WWF Brasil publica, em média, dez a quinze *releases* por mês. Ainda de acordo com Kopplin (2001, p. 146), *release* é o material de divulgação produzido pela Assessoria de Imprensa. O objetivo é sugerir o assunto, estimular a investigação. Deve conter uma notícia de real interesse.

A instituição WWF Brasil mantém dez programas sociais: Agricultura e Meio Ambiente; Água para a Vida; Amazônia - Apoio ao Desenvolvimento Sustentável; Áreas protegidas - Amazônia; Diálogos; Laboratório de Ecologia da Paisagem; Educação Ambiental da Mata Atlântica; Mudanças Climáticas e Energia; Pantanal para Sempre.

Cada um dos nove jornalistas que compõem a Assessoria de Imprensa do WWF Brasil responsabiliza-se por um dos programas da instituição.

Na visita de acompanhamento, foi possível observar dois desses jornalistas atendendo às questões lidas aos programas pelos quais são responsáveis — Denise Oliveira e João Gonçalves. Denise é responsável pelo Programa Pantanal para Sempre e João Gonçalves pelos Programas Áreas Protegidas da Amazônia e Projeto Diálogos.

4.3 - Teoria do *newsmaking* e o valor/notícia

A notícia é o foco de preocupação da teoria do *newsmaking*. O processo de produção da notícia segue um planejamento como uma rotina industrial. Tem procedimentos próprios e limites organizacionais. Assim sendo, o jornalista, mesmo como partícipe da construção da realidade, não possui autonomia incondicional na sua prática profissional. Ele está submetido a um planejamento produtivo.

As redações de todo o mundo diariamente recebem um grande número de fatos que chegam aos jornalistas, entretanto somente uma pequena parte é que de fato vira notícia, afirma Pena (2003). Para explicar por que ocorre este fato utiliza-se a perspectiva teórica do *newsmaking*, que considera o jornalismo um trabalho de construção social da realidade.

Portanto, esse trabalho de construção social da realidade é feito pelo jornalista diariamente, porém obedecendo a critérios determinados.

As notícias e o modo como elas chegam aos leitores não são determinados somente pela subjetividade dos profissionais. As exigências e a estrutura das organizações influenciam fortemente na seleção e no enquadramento dado à notícia.

Na produção da notícia são levados em conta esses parâmetros de organização e planejamento. Diz Felipe Pena (2006. p. 129) que “uma suposta intenção manipuladora por parte do jornalista seria superada pelas imposições da produção jornalísticas”. As preferências pessoais na seleção da notícia não poderiam prevalecer sobre as normas operacionais. Estas teriam o poder de superar facilmente as preferências do jornalista.

Assim, o autor define a questão da seguinte forma:

“Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do *newsmaking*.” (PENA, P. 130)

Noticiabilidade. Esta é uma das práticas adotadas pela teoria do *newamaking*.

Noticiabilidade seria um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolha, entre inúmeros fatos, de uma quantidade limitada de notícias. A noticiabilidade pode ser negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação.

Valores/notícia. São critérios e operações usados para definir quais acontecimentos são importantes para se transformar em notícia. De acordo com Mauro Wolf (1999), o valor/notícia opera de uma forma peculiar, isto é, a seleção da notícia é um processo de decisão e de escolha realizada rapidamente. Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão.

Sistematização do trabalho jornalístico é outra prática do *newsmaking*. Sistematização, segundo Pena (2006), seria a rotina de divisão de ações que envolvem a pauta, a reportagem e edição.

Na sistematização do trabalho nas redações os valores/notícia podem ser utilizados. “Eles são contextualizados no processo produtivo, adquirem significado e função, e tornam-se dados evidentes para os profissionais envolvidos no processo: o chamado senso comum das redações”, informa Pena (2006, p. 131)

4.4 - Jornalistas ambientais do WWF - Acompanhamento de suas rotinas de trabalho.

Conforme dito anteriormente, este trabalho está fincado na teoria do *newsmaking*. Em se tratando de rotina produtiva e sua influência no trabalho final dos jornalistas, o melhor referencial teórico para embasar as pesquisas nesta área é o *newsmaking*, ou produção da notícia.

No acompanhamento dos jornalistas no WWF, foi observada de perto, durante 8 horas, a atuação de quatro jornalistas.

São eles:

1 - Denise de Sousa Oliveira, 28 anos. Denise trabalha há 5 anos instituição WWF Brasil e responsável pelo Programa Pantanal para Sempre. O objetivo deste programa é promover a conservação da biodiversidade por meio da criação e implementação de unidades de conservação, incentivo a

atividades econômicas de baixo impacto ambiental e implementação do desenvolvimento sustentável;

2 - Fernando Zarur, 26 anos. Fernando trabalho há 2 anos na instituição.

3 - João Gonçalves, 32 anos, formado em jornalismo pela PUC e em Ciências Sociais pela USP. Antes de trabalhar no WWF, atuou durante 5 anos no programa SporTV (GLOBOSAT). Trabalhou também em uma agência de publicidade e na EMBRATUR. Cobriu política, cidades, esportes até partir para a cobertura de matéria ligadas ao meio ambiente. João trabalha na instituição há 2 anos e é responsável pelo Programa de Áreas Protegidas da Amazônia — PAP e pelo Projeto Diálogos. João Gonçalves é o mais experiente jornalista da equipe da Assessoria de Imprensa do WWF.

4 - Ana Cíntia de Oliveira, 30 anos. Trabalha há 8 anos no WWF Brasil. Oriunda de Manaus onde coordenava o Programa de Áreas Protegidas na Amazônia daquela cidade. Denise, aqui em Brasília, continuou na função de Coordenadora do Programa. O objetivo desse programa é promover o desenvolvimento sustentável e a conservação da biodiversidade de toda a região amazônica nacional, valorizando a sua vocação florestal e aquática.

O acompanhamento dos jornalistas ambientais foi realizado na Assessoria de Imprensa do WWF Brasil. O resultado das observações anotadas é o que será mostrado agora.

4.5 - Registro da atividade diária de quatro jornalistas ambientais no WWF Brasil

4.5.1- Rotina de Denise.

Iniciado o expediente às 9 horas, logo, às 8h45min, chega Denise, a primeira jornalista a ser acompanhada.

Denise informa que é responsável pelo Programa Pantanal para Sempre, cujo objetivo já foi mostrado.

A equipe que compõe o Programa junto com Denise é composta de 1 Supervisor, formado em Biologia, 1 Técnico, graduado em Veterinária, 1 Assistente e 1 Comunicador, que no caso é ela própria.

Denise, imediatamente inicia a leitura dos principais jornais nacionais, buscando se informar sobre as notícias do dia relacionadas ao meio-ambiente, mas também sobre os mais diversos assuntos.

Vale lembrar aqui uma das características fundamentais do jornalismo e, conseqüentemente do jornalista, que é a atualidade.

“O jornalismo vive de cotidiano, do presente, do efêmero, procurando nele penetrar a dele extrair o que há de básico, fundamental e perene, mesmo que essa perenidade valha, apenas, por alguns dias ou por algumas horas.” (BELTRÃO, p. 66)

A jornalista Denise continua sua atividade, informando que, em relação à periodicidade das notícias, ali na Assessoria de Imprensa eles não seguem uma rotina, ou seja, não há uma regularidade na divulgação das matérias. Em outras palavras, Denise informa que não existe obrigatoriamente datas prefixadas para a publicação de notícias sobre o meio ambiente. Não há uma constância, uma divulgação sistemática da informação, como existe em outras Redações de jornais, revistas e outros.

Cabe lembrar aqui essa outra característica do jornalismo, a periodicidade, segundo Beltrão (1960)

Revela ainda que nem sempre vai a campo em busca da notícia, que ela se comunica com a equipe através de *e-mails*, *msn* e por telefone. *“Além de demandar uma série de gastos a locomoção até o Pantanal é possível a comunicação por outros meios e assim posso fazer determinadas matérias”* — informou Denise. Hoje os benefícios e as facilidades que são proporcionadas pela Internet, conforme lembra André Trigueiro (2003), permitem ao jornalista essa comodidade na obtenção da notícia.

A jornalista Denise acrescentou que ali na Assessoria o jornalista pode escrever para outros programas e sobre outros temas, além daqueles atinentes à sua área. *“Surgindo outras demandas o nosso papel é ir atrás”*, revelou.

Denise, durante todo o tempo, permanece conectada via *Scype*, comunicando-se com outros jornalistas e recebendo demandas de trabalho. *Scype* é um programa que possibilita conversar pela Internet.

Um fato importante relatado por Denise foi sobre a importância de os jornalistas do WWF Brasil falarem inglês. Justificou dizendo que eles recebem pedidos da imprensa internacional e necessitam compreendê-los.

Quanto à organização, informou Denise que tem em seu computador uma pasta, atualizada todos os dias, com o controle de tudo, pois precisa prestar contas através de relatórios, assim sendo busca manter o máximo de organização.

4.5.2 - Rotina de Fernando Zarur

Fernando Zarur inicia seu trabalho às 9h15min. Ele informa que vai realizar o *Clipping* do dia, pois naquela semana era dele essa incumbência. Não entendi. E Fernando explica que há um revezamento semanal para a realização do *Clipping* diário. Cada semana é feito por um jornalista. O objetivo, segundo Fernando, é fazer com todos participem produção da notícia.

Fernando começa seu dia abrindo os *e-mails* para ler as notícias enviadas pela empresa especializada em clipagem (Linear), notícias divulgadas nos principais jornais do Brasil sobre meio ambiente. O jornalista inicia a leitura das matérias para fazer a seleção das notícias, separando o que serve e o que não serve. A escolha da matéria é de acordo com o conteúdo. O critério utilizado segue uma ordem de preferência, começando com as matérias ligadas ao WWF; depois vêm as matérias referentes a meio ambiente, pobreza e meio ambiente; em seguida, aquelas ligadas aos programas da instituição; seguidas das matérias referentes às áreas contempladas pelos programas, e por último, outros temas relevantes e atuais.

Após a escolha das matérias, Fernando as põe em ordem de relevância. Primeiramente as matérias divulgadas sobre o WWF e relativas a temas importantes e que estão sendo bastante discutidos. Após o critério de relevância, o jornalista organiza no corpo do *e-mail* um pequeno resumo de cada matéria, organizando-as por linhas: uma abaixo da outra para facilitar a leitura do leitor. Depois envia para a lista de *e-mails* composta por todos os filiados ao WWF e funcionários da casa.

O jornalista Fernando informa que é responsável pela coordenação do conteúdo do *site* da instituição WWF Brasil. A atualização do *site* não é feita diariamente. Porém, em datas comemorativas, como, por exemplo, o Dia do Índio, o *site* é atualizado. O que se pretende é dar uma cara nova ao *site* para chamar os leitores. As notícias divulgadas no *site* referem-se, preferencialmente a datas especiais para o meio ambiente, a programas do WWF, ou de acordo com o surgimento de fatos interessantes.

Fernando Zarur informa que, surgindo necessidade, ele está apto a fazer a cobertura de qualquer tema dos programas da instituição WWF.

Concluído o *Clipping*, Fernando, como faz diariamente, abriu sua caixa de *e-mails* e passou a respondê-los. Além dos *e-mails* atendeu a alguns telefonemas, um deles era de uma *designer* apresentando proposta de *banner* de uma campanha que depois poderia ser reaproveitado para o *site*. Fernando demorou cerca de 20 minutos ao telefone, mas não chegou a tomar uma decisão.

A coordenadora da Assessoria de Imprensa entrava de vez em quando na sala e fazia perguntas a Fernando sobre situações relacionadas ao *site* pelo qual ele era responsável.

Nesse ínterim, Fernando recebeu a tarefa de contabilizar o valor das doações recebido pelo WWF durante o ano de 2006, para constar em uma pesquisa. Realizou a incumbência e logo enviou os resultados por e-mail. Fernando levou umas duas horas só respondendo a *e-mail*. Às 15 horas Fernando se dirigiu a uma reunião com uma empresa de publicidade que iria apresentar uma campanha para a Assessoria de Imprensa do WWF Brasil.

4.5.3 - Rotina de João Gonçalves

João Gonçalves trabalha na instituição há 2 anos. É jornalista responsável pelo Programa de Áreas Protegidas da Amazônia — PAP e pelo Projeto Diálogos.

João destacou a importância de estar sempre em contato com a imprensa internacional, com os jornalistas do WWF dos outros países.

Enquanto lia os *e-mails*, João falava da necessidade de elaborar um Plano de Comunicação. Explicou a importância de um projeto dessa ordem,

justificando que o bom jornalista deve se preocupar com o público ao repassar a notícia; que esse público é variado e que, portanto, é necessário que o jornalista esteja atento à diversificação de público que ele pretende alcançar ao repassar a notícia.

Falou da importância de o jornalista ambiental manter um bom relacionamento com a imprensa em geral, com outros jornalistas e com todos os canais de comunicação, visando sempre o receptor da mensagem. A propósito dos contatos com outros jornalistas, o Manual Nacional de Assesores de Imprensa explica que os contatos informais com jornalistas são importantes na medida em que proporcionam a troca, o confronto, os questionamentos e as homologações entre as posições do jornalista e das fontes” (FENAJ, 1994. p. 20)

Fernando é chamado à sala ao lado, o que obrigou ao encerramento da entrevista.

4.5.4 - Rotina de Ana Cíntia

Ana Cíntia é oriunda de Manaus onde coordenava o Programa de Áreas Protegidas na Amazônia naquela cidade. Aqui em Brasília ela continuou na função de Coordenadora do Programa em Brasília. O objetivo desse programa é promover o desenvolvimento sustentável e a conservação da biodiversidade de toda a região amazônica nacional, valorizando a sua vocação florestal e aquática.

Ana Cíntia chegou à Assessoria por volta de 10 horas da manhã. Por que esse horário? Segundo informou, seu horário é igual ao de todos, porém, como ela tem a incumbência de assistir aos principais telejornais matutinos, ela estava chegando após ter assistido ao *DF TV* 1ª edição e ao *Bom dia Brasil*.

O acompanhamento do noticiário de rádio e televisão, pelo jornalista, é muito importante. Conforme o *Manual do Assessor de Imprensa*, a leitura e o acompanhamento geral do noticiário não são descompromissados; têm um objetivo, uma importância e uma utilidade”. (FENAJ, p. 34)

Ana Cíntia segue mais ou menos a mesma rotina já relatada dos outros profissionais: lê os *e-mails* para se atualizar sobre as principais notícias, seleciona as que interessam e despreza as que não são úteis; responde aos e-

mails, tendo o cuidado de priorizá-los pela importância de quem os envia. Têm prioridade os *e-mails* dos chefes das instituições, e depois o restante.

A tarefa principal de Ana Cíntia é responder diariamente a todos os *e-mails* enviados para Assessoria. Quando não entende o referido conteúdo, telefona para checar o que foi solicitado.

Como os demais jornalistas, Cíntia mantém um caderno onde controla as atividades do dia, e uma agenda na qual registra todas as atividades.

Cíntia, nesse dia específico, durante os contatos, marcou entrevista com duas pessoas para tratar de pautas e outras coisas.

A jornalista ressaltou a importância de conferir mais de uma vez o conteúdo dos *e-mails*, para respondê-los com segurança. Descrevendo um pouco do seu trabalho, afirmou: *“Aqui produzo reportagens, cuido da comunicação do programa Amazônia, cuido das informações do site, acompanho a edição e revisão de algumas publicações da entidade, organizo eventos, faço a cobertura dos mesmos, escrevo propostas, ou seja, faço de tudo um pouco. Sempre que possível faço viagens a Manaus, para acompanhar de perto o programa do qual sou Comunicadora”*.

Finalizando, a jornalista acrescentou a necessidade de se manter atualizada sempre, para que possa realizar com eficiência a sua função de jornalista ambiental.

Conclusão

Compreender a questão que hoje angustia a todos — os riscos de grandes catástrofes provocadas pelo descuido do homem com o meio ambiente — foi o motivo maior da realização deste trabalho.

Até a década de 50 não se observava qualquer preocupação da humanidade com questões relacionadas à água, a florestas, à poluição do ar, ao extermínio de animais. Não se imaginava que o perigo poderia vir até do ar, como hoje se sabe, após as constatações sobre o buraco na camada de ozônio.

O progresso foi pouco a pouco chegando, e com ele, o avanço da ciência, da tecnologia, das comunicações, o que possibilitou grandes descobertas, mas também a compreensão melhor do universo em que vivemos. O homem entendeu que não está à parte da natureza, mas que é parte integrante desta natureza. Conseqüentemente veio a compreensão de que precisa e deve manter-se em harmonia com ela. O pensamento de que tudo o que temos de recursos naturais é infinito foi agora por água abaixo. Não há tempo a perder. É preciso cuidar, zelar pelo nosso planeta.

Estas conclusões a que o mundo chegou foram tiradas após o trabalho de organismos internacionais voltados para a busca de soluções para os problemas ambientais; de encontros promovidos pela Organização das Nações Unidas para discutir a preservação do meio ambiente, destacando-se a Convenção de Estocolmo, a Eco 92, a Convenção de Joanesburgo, para mencionar apenas as que mais influenciaram em suas decisões, ao aprovarem planos, projetos e programas que hoje estão em execução do mundo inteiro. Órgãos voltados para a preservação da natureza, instituições não-governamentais espalharam-se pelo mundo inteiro, a exemplo do WWF, Fundo Mundial para a Natureza. O Brasil não ficou de fora da preferência desses órgãos para aqui instalarem seus escritórios. Foi o que ocorreu com o WWF que inaugurou sede no Brasil, o WWF Brasil, aqui em Brasília, onde foi feita a visita e o acompanhamento de quatro dos seus profissionais, para servir de apoio a este trabalho.

Para entendimento mais profundo da questão ambiental e da atuação do jornalista ambiental na divulgação das notícias sobre o meio ambiente, foi feito um apanhado nas páginas iniciais sobre o jornalismo de modo geral, suas características, que acabam sendo comuns para os demais profissionais da área — caso do jornalista ambiental. Seguimos com abordagens sobre o meio ambiente, enfocando a entrada em cena do jornalista ambiental, o trabalho de cobertura desse profissional nos grandes eventos ambientais, como por exemplo, a Eco 92, que demandou uma das maiores coberturas jornalísticas já registradas.

Finalmente foi apresentado o resultado da observação do trabalho dos jornalistas da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil. Foi feita análise em detalhe da atuação diária desses profissionais durante um dia de visita à Assessoria de Imprensa da instituição.

Algumas conclusões foram tiradas.

Em relação ao *site* da instituição, cuja atualização está a cargo dos jornalistas da Assessoria de Imprensa, verifiquei que há uma certa defasagem de tempo na sua atualização. Isso se deve ao fato de a Assessoria de Imprensa não ter como meta principal a produção de notícias diariamente, como foi explicado pela Coordenadora Lígia Girão. Sua tarefa primordial é promover os programas da instituição dando-lhes visibilidade para a população em geral e para as comunidades que vivem nas regiões onde se desenvolvem os referidos programas. A Assessoria de Imprensa está mais voltada para o planejamento estratégico e para a produção de eventos, publicações e vídeos.

No que se refere à elaboração do *clipping*, também não percebi muita preocupação em agilizar esta tarefa, embora saiba que as características dos *clippings* das organizações não governamentais sejam diferentes das observadas nos *clippings* das instituições governamentais. Naquele dia em especial o *clipping* estava sendo preparado com atraso, pois o jornalista incumbido dessa responsabilidade só iniciou seu expediente depois das 9 horas. E ele ainda lembrou que há um revezamento semanal nessa tarefa. O fato de haver atraso na elaboração do *Clipping*, não interfere na proposta de trabalho da Assessoria, cuja prioridade é a divulgação dos programas do WWF Brasil .

Experiência e aprendizado também são itens que merecem ser mencionados. Compreendi que o tempo para o jornalista é um aspecto importante no seu trabalho. Exatamente em razão da pressa que a notícia exige do jornalista, enfrentei pequenas dificuldades para iniciar esta pesquisa, pois não pude ser atendida pelos profissionais com quem entrei em contato, inicialmente, solicitando subsídios para este estudo.

Entendi também que o jornalista ambiental, a exemplo de outros muitos profissionais, necessita estar cada vez mais atualizado e em sintonia com as necessidades da população no sentido de obter a informação correta, precisa e pontual.

Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo. Editora Ática S.A. 1990.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. s. ed. Rio de Janeiro. Livraria Agir Editora. 1960.

_____. **Teoria Geral da Comunicação**. 3. ed. Brasília. Thesaurus Editora. 1982.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. s. ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2005

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Manual Nacional de Assessoria de Imprensa**. 2ª ed. Rio de Janeiro. CONJAI - Comissão Nacional dos Jornalistas e Imprensa, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed. São Paulo, ABPDEA Editora ATLAS S.A, 2001.

MURAD, Angèle. **Oportunidades e Desafios para o Jornalismo na Internet**. Disponível em <<http://www.uff.br/mestcii/angele1.htm>> Consultado em 21 de abril de 2007.

PANTALEÃO, Eliana; NEVES, Antônio Pereira. **Normas para a elaboração da monografia**. Curitiba, Champagnat, 2000. Disponível em: <<http://www.ppgia.pucpr.br/~lau/tecinfo/abnt.pdf>> Consultado em 23 de abril de 2007

PENA, Pena. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo. Editora Contexto. 2006.

PELLIZOLI, M. L. **A Emergência do Paradigma Ecológico: reflexões ético-fisiológicas para o século XXI.** s. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1999.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio Ambiente e Meios de comunicação.** 1. ed. São Paulo. ANNABLUME Editora. 1996.

WWF Brasil Site. Disponível em <http://www.wwf.org.br/brasil_dez_anos_wwf/brasil/historia_wwf_brasil/index.cfm> Consulta feita em 25 de abril de 2007.

SANTOS, Clóvis Roberto dos; NORONHA, Rogéria Toler da Silva de. **Monografias científicas: TCC - dissertação - tese.** 1.ed. São Paulo, Editora Avercamp Ltda., 2005.

TRIGUEIRO. André. **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento.** s. ed. Rio de Janeiro. Editora Sextante. 2003.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo ambiental - Evolução e Perspectivas.** Artigo. Outubro, 1997. Disponível em <http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm> Consultado em 22 abril de 2007.

WOLF, Mauro. **Teoria da Comunicação** 5 ed. Lisboa, Editora Presença. 1999.

ANEXO

Informações prestadas pela Coordenadora da Assessoria de Imprensa do WWF Brasil durante visita à instituição

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1 - Quantos e quais jornalistas compõem a Assessoria de Imprensa do WWF Brasil?

Coordenadora Lúgia Girão — Dez jornalistas: Max Arraes, Thaís Brianezi, Denise de Oliveira, Waldemar Gadelha, João Gonçalves, Ana Cíntia Guazzelli, Mariana Ramos, Bruno Bueno, Fernando Zarur.

2 - Quantos programas possuem a instituição WWF Brasil?

Coordenadora Lúgia Girão — São dez os programas: Agricultura e Meio Ambiente; Água para a Vida; Amazônia — Apoio ao Desenvolvimento Sustentável; Áreas Protegidas — Amazônia; Diálogos; Laboratório de Ecologia da Paisagem; Educação Ambiental; Mata Atlântica; Mudanças Climáticas e Energia; Pantanal para Sempre e Biomas Brasileiros.

3 - Em que difere a rotina de trabalho do jornalista do WWF da rotina do jornalista de um grande jornal?

Coordenadora Lúgia Girão — Aqui na Assessoria não estamos preocupados com a produção de notícias a todo o momento como nas grandes redações.

Para nós o primordial é fazer com que os nossos programas tenham mais visibilidade tanto para a população em geral quanto para a população que vive nas regiões onde se desenvolvem esses programas. Estamos mais voltados para o planejamento estratégico, além de produções de eventos, publicações, vídeos.

4 - Em relação às pautas, como elas são elaboradas?

Coordenadora Lígia Girão — As reuniões de pauta são realizadas às terças-feiras, com todos os coordenadores de programas, cada um levando sugestões relativa ao seu programa.

5 - Como é feito o contato da Assessoria com outros meios de comunicação?

Coordenadora Lígia Girão — Há um cuidado de sempre manter esse contato, tanto com os veículos de comunicação quanto com os jornalistas do Brasil e do exterior, visando sempre à informação.

6 – Quanto à elaboração de release, qual a periodicidade com que isso é feito?

Coordenadora Lígia Girão — Aqui nós realizamos de dez a quinze *release* por mês.

7 - O site da instituição é atualizado todos os dias?

Coordenadora Lígia Girão — Não. As atualizações não são feitas diariamente. Não tem data certa, mas isso é feito principalmente em datas importantes para o meio ambiente.

8 - Como é feito o *Clipping*? Quem faz e qual o horário?

Coordenadora Lígia Girão — O *Clipping* é feito todos os dias, com uma ressalva, não é feito sempre por uma mesma pessoa. Há um revezamento semanal. Quanto ao horário, é realizado no horário de trabalho do jornalista encarregado daquela semana.

9 - Quais são os instrumentos de divulgação adotados pela Assessoria do WWF?

Coordenadora Lígia Girão — Utilizamos um *press-kit*, com materiais institucionais, *press-release*, folhas informativas, fotos, vídeos.